

**A ESCRAVIDÃO NA PERSPECTIVA DA POPULAÇÃO NEGRA: O
PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA**

Lucy Helena Zaniboni

Licenciatura em Matemática e Ed. Especial

luzaniboni@gmail.com

Kleiton Cristiano Calcete

Licenciatura em Pedagogia e Artes Visuais

kleiton.calcete@educacaoararas.sp.gov.br

Natália Tatiane Maretti Calcete

Licenciatura em Pedagogia e em Educação Física

natalia.calcete@professor.educacaoararas.sp.gov.br

Márcia Alves da Costa Itimura

Licenciatura em Matemática

marcialves.aiti@gmail.com

Jorge Cassio Moraes Junior

Licenciatura Plena em Geografia e História

jorge.cassiojr@gmail.com

RESUMO

A escravidão marcou profundamente a história do Brasil e deixou consequências que ainda podem ser percebidas na sociedade contemporânea. Durante muito tempo, esse período foi estudado principalmente sob a perspectiva econômica e política dos colonizadores, deixando em segundo plano as experiências vividas pela população negra escravizada. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a escravidão a partir da visão dos negros, destacando suas vivências, sofrimentos, formas de resistência e contribuições para a construção da sociedade brasileira. A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão

bibliográfica, utilizando obras e estudos relacionados à história afro-brasileira. Conclui-se que compreender a escravidão sob a ótica da população negra é fundamental para fortalecer a valorização da diversidade cultural, combater o racismo e promover uma educação mais inclusiva para as novas gerações.

Palavras-chave: Escravidão; população negra; resistência; história afro-brasileira; educação.

INTRODUÇÃO

A escravidão constitui um dos períodos mais marcantes e dolorosos da história do Brasil. Durante mais de três séculos, milhões de africanos foram retirados de suas terras de origem e trazidos à força para o continente americano, onde foram submetidos a condições desumanas de trabalho e privados de seus direitos mais básicos.

No Brasil, o sistema escravista foi um dos pilares da economia colonial e imperial, contribuindo significativamente para o desenvolvimento econômico do país. No entanto, por muitos anos, a história da escravidão foi narrada predominantemente sob a perspectiva dos colonizadores e proprietários de escravos, enfatizando aspectos econômicos e políticos em detrimento das experiências vividas pela população negra.

Essa forma de abordar o tema muitas vezes reduz os negros à condição de mão de obra explorada, ignorando suas histórias, sentimentos, culturas e formas de resistência. Ao analisar a escravidão apenas pelo olhar dos dominadores, corre-se o risco de invisibilizar o sofrimento enfrentado por milhões de pessoas que tiveram sua liberdade, identidade e dignidade violadas.

Segundo Paulo Freire (1996), a educação deve possibilitar uma leitura crítica da realidade, contribuindo para a formação de sujeitos capazes de compreender e transformar o mundo em que vivem.

Por isso, torna-se fundamental revisitar esse período histórico a partir da perspectiva dos próprios negros escravizados, reconhecendo-os como sujeitos ativos de sua história e não apenas como vítimas de um sistema opressor.

A experiência da escravidão para os africanos e seus descendentes foi marcada por profundas perdas humanas e culturais. Homens, mulheres e crianças eram separados de suas famílias, transportados em condições precárias nos navios negreiros e obrigados a abandonar parte de seus costumes e tradições.

Além da exploração física, enfrentavam a violência psicológica, a discriminação e a tentativa constante de apagamento de suas identidades culturais. Mesmo diante dessas adversidades, a população negra encontrou maneiras de preservar suas raízes, manter suas crenças e resistir às injustiças impostas pelo sistema escravista.

Ao longo da história, os negros desenvolveram diversas formas de resistência, desde pequenas ações cotidianas até movimentos organizados de luta pela liberdade. A criação de quilombos, a preservação das tradições africanas, as manifestações religiosas, as expressões artísticas e as revoltas contra a escravidão demonstram que a população negra nunca aceitou passivamente sua condição. Essas estratégias de resistência contribuíram para a preservação de importantes elementos culturais que continuam presentes na sociedade brasileira até os dias atuais.

Na contemporaneidade, compreender a escravidão sob a ótica da população negra é essencial para a formação de uma consciência crítica sobre as desigualdades raciais que ainda persistem no Brasil.

Muitas das dificuldades enfrentadas pela população negra atualmente possuem raízes históricas relacionadas ao período escravista e às condições de exclusão social vivenciadas após a abolição. Dessa forma, conhecer essa história permite compreender melhor os desafios atuais e fortalecer ações voltadas para a promoção da igualdade racial e da justiça social.

Além disso, a valorização da perspectiva negra no estudo da escravidão contribui para uma educação mais inclusiva e democrática, alinhada aos princípios da diversidade cultural e dos direitos humanos.

Ao reconhecer o protagonismo dos negros na construção da sociedade brasileira, torna-se possível combater estereótipos, desconstruir preconceitos e promover o respeito às diferenças.

Diante desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a escravidão a partir da visão da população negra, destacando suas experiências, formas de resistência e contribuições para a formação da sociedade brasileira.

Busca-se também refletir sobre a importância desse olhar para a compreensão da realidade contemporânea e para a formação das novas gerações, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e consciente de sua própria história.

DESENVOLVIMENTO

Para os africanos trazidos ao Brasil, a escravidão representou uma ruptura profunda e traumática em suas vidas. Milhões de homens, mulheres e crianças foram retirados à força de suas comunidades de origem, separados de seus familiares e privados do convívio com suas culturas, tradições e modos de vida.

Esse processo teve início ainda no continente africano, onde muitos eram capturados durante conflitos, perseguições ou ações promovidas pelo tráfico de pessoas. A partir desse momento, passavam a viver uma realidade marcada pela violência, pelo medo e pela incerteza sobre o futuro.

A travessia do Oceano Atlântico, realizada nos chamados navios negreiros, foi uma das etapas mais cruéis desse processo. Os africanos eram transportados em condições extremamente precárias, permanecendo amontoados em espaços reduzidos, com pouca alimentação, ausência de higiene e sem acesso a cuidados médicos.

As doenças se espalhavam rapidamente, e muitos não sobreviviam à viagem. Para aqueles que conseguiam chegar ao Brasil, o sofrimento continuava, pois eram vendidos como mercadorias e tratados como propriedade de seus compradores.

Ao chegarem ao território brasileiro, os negros escravizados eram destinados a diferentes tipos de trabalho, incluindo as lavouras de cana-de-açúcar, café, mineração, construção de estradas e serviços domésticos.

As jornadas de trabalho eram extensas e exaustivas, muitas vezes ultrapassando os limites físicos dos trabalhadores. Além disso, eram comuns os castigos físicos, as punições severas e as diversas formas de violência utilizadas para manter o controle sobre a população escravizada.

Sob a perspectiva dos negros, a escravidão significava não apenas a perda da liberdade, mas também a negação de sua condição humana. Seus direitos eram completamente ignorados e suas vontades raramente consideradas.

Homens e mulheres eram impedidos de decidir sobre suas próprias vidas, sobre seus relacionamentos e até mesmo sobre a criação de seus filhos. Muitas famílias eram separadas durante a venda de escravizados, gerando sofrimento emocional e rompendo vínculos afetivos importantes.

Outro aspecto marcante da experiência escravista foi a tentativa de apagamento cultural promovida pelos senhores de escravos. Muitos africanos foram impedidos de praticar suas religiões, falar suas línguas maternas e manter costumes herdados de seus ancestrais. Essa estratégia tinha como objetivo enfraquecer sua identidade e facilitar o controle sobre a população escravizada.

Apesar disso, os negros encontraram maneiras de preservar elementos de sua cultura por meio da oralidade, da música, da dança, das crenças religiosas e das tradições transmitidas entre gerações.

Mesmo diante de tantas adversidades, os negros escravizados demonstraram força, coragem e capacidade de resistência. A preservação de suas culturas e identidades tornou-se uma forma de enfrentar a opressão e reafirmar sua humanidade.

Dessa forma, compreender a escravidão pela perspectiva dos negros permite reconhecer não apenas o sofrimento vivido, mas também a capacidade

de luta e sobrevivência daqueles que contribuíram significativamente para a formação da sociedade brasileira.

Ao analisar esse período histórico sob esse olhar, torna-se possível desenvolver uma compreensão mais humana e crítica sobre a escravidão, valorizando as experiências daqueles que por muito tempo tiveram suas vozes silenciadas pela narrativa tradicional da história.

A resistência negra durante a escravidão

Apesar das condições extremamente adversas impostas pelo sistema escravista, a população negra não aceitou passivamente a escravidão. Ao longo de todo o período colonial e imperial, homens e mulheres negros desenvolveram diversas formas de resistência como maneira de preservar sua dignidade, sua cultura e lutar pela liberdade.

De acordo com Clóvis Moura (1988), a resistência negra esteve presente durante todo o período escravista, manifestando-se por meio de fugas, revoltas, formação de quilombos e preservação das tradições culturais africanas.

Essas ações demonstram que os escravizados não foram apenas vítimas da opressão, mas também protagonistas de importantes movimentos de enfrentamento contra o sistema escravista.

Os quilombos tornaram-se um dos maiores símbolos dessa resistência. Formados principalmente por negros que conseguiam fugir das fazendas, engenhos e minas, esses espaços representavam a possibilidade de reconstruir a vida em liberdade.

Neles, os habitantes organizavam comunidades baseadas na cooperação, no trabalho coletivo e na preservação de tradições culturais africanas. Além de funcionarem como refúgio para pessoas escravizadas, os quilombos também simbolizavam a busca pela autonomia e pela garantia de direitos negados pela sociedade escravista.

Entre os diversos quilombos existentes no Brasil, o Quilombo dos Palmares destacou-se como o maior e mais conhecido exemplo de resistência

negra. Localizado na região que atualmente corresponde ao estado de Alagoas, Palmares abrigou milhares de habitantes e resistiu por décadas às investidas das autoridades coloniais.

Sua organização social e sua capacidade de sobrevivência demonstram a força e a determinação dos negros na luta contra a escravidão. A liderança de figuras como Zumbi dos Palmares tornou-se um importante símbolo da busca por liberdade e igualdade.

Entretanto, a resistência negra não se limitou às fugas e à formação de quilombos. Muitas formas de enfrentamento ocorreram no cotidiano das pessoas escravizadas. A preservação das manifestações culturais africanas, das tradições religiosas, das músicas, danças e costumes herdados dos ancestrais constituiu uma importante estratégia de resistência.

Mesmo diante das tentativas de apagamento cultural promovidas pelos senhores de escravos, os africanos e seus descendentes conseguiram manter vivos elementos fundamentais de sua identidade.

As religiões de matriz africana também desempenharam papel relevante nesse processo. Por meio da fé e da espiritualidade, muitos negros encontraram força para enfrentar as dificuldades impostas pela escravidão e preservar aspectos importantes de sua cultura. Da mesma forma, a transmissão oral de histórias, conhecimentos e tradições entre as gerações permitiu que valores culturais africanos sobrevivessem ao longo do tempo.

Além disso, ocorreram revoltas, protestos, negociações e diversas formas de resistência silenciosa dentro das próprias fazendas e engenhos. Algumas pessoas desaceleravam o ritmo de trabalho, sabotavam ferramentas ou utilizavam estratégias para minimizar os efeitos da exploração. Essas ações demonstram que a resistência assumiu diferentes formas e esteve presente em diversos momentos da experiência escravista.

Ao analisar a escravidão sob a perspectiva da população negra, percebe-se que a história desse período não pode ser reduzida apenas ao sofrimento e

à exploração. Trata-se também de uma trajetória marcada pela coragem, pela luta e pela capacidade de resistência diante das injustiças. Reconhecer essas formas de enfrentamento é fundamental para compreender o protagonismo dos negros na construção da sociedade brasileira e valorizar suas contribuições históricas, culturais e sociais.

Dessa maneira, o estudo da resistência negra permite às novas gerações compreender que a busca pela liberdade e pela igualdade foi resultado do esforço contínuo de homens e mulheres que enfrentaram a opressão e lutaram pela preservação de sua humanidade. Esse reconhecimento contribui para a valorização da história afro-brasileira e para o fortalecimento do combate ao racismo na sociedade contemporânea.

A importância desse olhar para a geração atual

Compreender a escravidão pela perspectiva da população negra é essencial para que as novas gerações desenvolvam uma visão mais crítica, humana e completa da história brasileira.

Durante muito tempo, os livros didáticos e os estudos históricos privilegiaram a visão dos colonizadores, enfatizando aspectos econômicos e políticos da escravidão, enquanto as experiências, os sentimentos e as formas de resistência dos negros foram pouco explorados. Conforme afirma Nilma Lino Gomes (2017), compreender a história da população negra é fundamental para a construção de uma educação comprometida com a igualdade racial e o reconhecimento da diversidade cultural brasileira.

Essa abordagem limitada contribuiu para a invisibilização do protagonismo negro e para a perpetuação de interpretações superficiais sobre esse período histórico.

Ao analisar a escravidão sob a ótica dos negros, torna-se possível reconhecer que eles não foram apenas vítimas de um sistema injusto, mas também sujeitos ativos que resistiram à opressão, preservaram suas culturas e contribuíram significativamente para a construção da sociedade brasileira.

Essa compreensão permite valorizar a força, a resiliência e a capacidade de organização da população negra diante das inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo da história.

Além disso, o conhecimento sobre esse período contribui para a compreensão das desigualdades raciais que ainda persistem na sociedade contemporânea. Muitos dos desafios enfrentados atualmente pela população negra, como a desigualdade de oportunidades, a discriminação racial e a exclusão social, possuem raízes históricas ligadas ao processo de escravização e às condições de vida impostas após a abolição da escravatura. Portanto, estudar esse passado é fundamental para compreender melhor o presente e refletir sobre caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A valorização da história e da cultura afro-brasileira também desempenha um papel importante no fortalecimento da identidade e da autoestima dos estudantes negros. Quando a escola reconhece e destaca as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes para a formação do Brasil, promove o sentimento de pertencimento e combate estereótipos que historicamente contribuíram para a marginalização dessa população.

Ao mesmo tempo, os estudantes não negros têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre a diversidade cultural brasileira e desenvolver atitudes baseadas no respeito e na empatia.

Nesse contexto, a educação assume uma função transformadora, pois possibilita a formação de cidadãos mais conscientes sobre as questões sociais e raciais presentes no país. A escola possui papel fundamental nesse processo, uma vez que é um espaço privilegiado para a construção de valores relacionados à cidadania, aos direitos humanos e à convivência democrática.

Por meio de práticas pedagógicas inclusivas e do ensino da história afro-brasileira, é possível estimular reflexões que contribuam para o enfrentamento do racismo e da discriminação.

Além disso, compreender a escravidão sob a perspectiva dos negros permite romper com narrativas históricas que minimizam os impactos da escravidão ou apresentam uma visão romantizada desse período. Ao conhecer as experiências reais vividas pelos africanos escravizados e seus descendentes, os estudantes desenvolvem uma compreensão mais sensível sobre a importância do respeito à dignidade humana e da defesa dos direitos fundamentais.

Dessa forma, estudar a escravidão pela ótica da população negra não significa revisitar apenas um passado de sofrimento, mas também reconhecer histórias de resistência, luta e superação. Essa abordagem contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes de seu papel social e comprometidos com a construção de uma sociedade mais inclusiva, democrática e livre de preconceitos.

O PAPEL DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A escola desempenha um papel fundamental na formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com os princípios da igualdade, do respeito às diferenças e da valorização da diversidade cultural.

Nesse contexto, o ensino da história da escravidão sob a perspectiva da população negra constitui uma importante estratégia para promover uma educação antirracista e combater preconceitos historicamente construídos na sociedade brasileira.

Durante muitos anos, o ensino da História privilegiou narrativas centradas nos colonizadores, apresentando a população negra apenas como mão de obra escravizada.

Essa abordagem limitou a compreensão dos estudantes sobre a participação dos povos africanos e afro-brasileiros na construção da identidade nacional, contribuindo para a reprodução de estereótipos e para a invisibilização de suas contribuições históricas, sociais e culturais.

Com a promulgação da Lei nº 10.639/03, tornou-se obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos da educação básica. Essa legislação representa um importante avanço para a educação brasileira, pois reconhece a necessidade de promover práticas pedagógicas que valorizem a diversidade étnico-racial e fortaleçam o combate ao racismo no ambiente escolar.

Entretanto, sua efetiva implementação depende do comprometimento das instituições de ensino, da formação dos professores e da integração dessa temática ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola.

Nesse cenário, a escola deve assumir o compromisso de desenvolver ações permanentes voltadas à educação para as relações étnico-raciais, evitando que o tema seja abordado apenas em datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra.

O estudo da história da população negra precisa estar presente durante todo o ano letivo e fazer parte das diferentes áreas do conhecimento, favorecendo uma abordagem interdisciplinar que possibilite aos estudantes compreenderem a formação histórica, cultural e social do Brasil.

O professor exerce papel essencial nesse processo, atuando como mediador da aprendizagem e incentivando reflexões que permitam aos estudantes reconhecer as desigualdades raciais ainda presentes na sociedade. Para isso, torna-se indispensável investir na formação inicial e continuada dos docentes, possibilitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas fundamentadas nos princípios da inclusão, dos direitos humanos e da valorização da diversidade cultural.

Diversas estratégias pedagógicas podem contribuir para o fortalecimento da educação antirracista no ambiente escolar. Entre elas destacam-se a leitura de obras de autores negros, rodas de conversa, análise de documentos históricos, produção de textos, atividades artísticas, projetos interdisciplinares, utilização de filmes e documentários, visitas a museus e centros culturais, além

da valorização das manifestações culturais afro-brasileiras presentes na música, na literatura, na culinária, na religiosidade e nas artes.

Ao desenvolver essas práticas, a escola favorece a construção de um ambiente mais acolhedor, democrático e inclusivo, no qual todos os estudantes possam reconhecer-se como sujeitos históricos e compreender a importância do respeito às diferenças.

Além disso, contribui para a redução de preconceitos e para a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social e com a defesa dos direitos humanos.

Dessa forma, a escola deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conhecimentos para tornar-se um ambiente de transformação social. Ao ensinar a história da escravidão sob a perspectiva da população negra e valorizar as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros para a sociedade brasileira, promove uma educação capaz de fortalecer a cidadania, combater o racismo e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária.

CONCLUSÃO

A análise da escravidão pela perspectiva da população negra permite compreender aspectos muitas vezes esquecidos ou minimizados pelas narrativas tradicionais da história.

Mais do que um sistema voltado para a exploração econômica, a escravidão representou uma experiência marcada por sofrimento, violência, perda da liberdade e tentativa de apagamento cultural. Entretanto, também foi um período caracterizado pela resistência, pela luta constante por dignidade e pela preservação da identidade dos povos africanos e seus descendentes.

Ao longo dos séculos de escravidão, os negros enfrentaram inúmeras formas de opressão, mas nunca deixaram de lutar por sua liberdade e por seus direitos.

A formação de quilombos, a preservação das tradições culturais, a prática de suas crenças religiosas e as diversas formas de resistência cotidiana demonstram que a população negra exerceu papel ativo na construção de sua própria história.

Essa perspectiva permite romper com visões que retratam os negros apenas como vítimas, evidenciando sua força, coragem e protagonismo diante das adversidades impostas pelo sistema escravista.

Além disso, os negros escravizados desempenharam papel fundamental na formação da sociedade brasileira. Suas contribuições estão presentes na cultura, na culinária, na música, na religião, na linguagem e em diversos aspectos da identidade nacional.

Reconhecer essa trajetória é essencial para valorizar a diversidade cultural do Brasil e promover o respeito às diferentes heranças que compõem a sociedade contemporânea.

Compreender a escravidão a partir da visão dos negros também contribui para uma reflexão mais profunda sobre as desigualdades raciais que ainda persistem no país.

Muitos dos desafios enfrentados atualmente pela população negra possuem raízes históricas ligadas ao período escravista e às condições de exclusão social vivenciadas após a abolição. Dessa forma, conhecer essa história é um passo importante para o combate ao racismo e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse contexto, a educação desempenha um papel fundamental. Ao promover o estudo da escravidão sob a ótica da população negra, a escola contribui para a formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com os direitos humanos.

Essa abordagem favorece a valorização da história afro-brasileira, o reconhecimento das contribuições da população negra e o fortalecimento de atitudes baseadas no respeito, na empatia e na igualdade.

Portanto, promover o estudo da escravidão a partir da visão dos negros não significa apenas revisitar o passado, mas compreender como esse passado influencia o presente e pode orientar a construção de um futuro melhor.

Ao reconhecer as experiências, as lutas e as conquistas da população negra, torna-se possível desenvolver uma educação mais inclusiva e democrática, capaz de contribuir para a formação de uma sociedade que valorize a diversidade, respeite as diferenças e combata todas as formas de preconceito e discriminação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: reflexões e experiências. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MOURA, Clóvis. História do negro brasileiro. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.